

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ERIK HAMPE FAUSTMAN – DIVERGÊNCIA A CINZENTO

21 e 28 de Novembro de 2024

KVINNOHUSET/ 1953

“CASA DE MULHERES”

um filme de ERIK HAMPE FAUSTMAN

Realização: Erik Hampe Faustman *Argumento:* Ulla Isaksson a partir do seu romance de 1952 *Fotografia* (35 mm, 1:1,37): Curt Jonsson *Som:* Per Lönndahl, Sven Lilja *Montagem:* Eric Nordemar *Música:* Carl-Olof Anderberg *Direcção artística:* Nils Nilsson *Caracterização:* Viola Lönndahl *Interpretação:* Inga Tidblad (Anna), Eva Dahlbeck (Isa), Annalisa Ericson (Sylvia) Birgitta Valberg (Vera), Ulla Sjöblo (Rosa Karlsoon), Kerstin Palo (Eva Lind), Marrit Ohlsson (Ameli), Geirg Lokkeberg (Tryggve Krook), Björn Berglund (Hakan Hakansson), Harlad Bergström (fotógrafo), Gösta Holmström (polícia), Birger Lensander (Karlsson), Kerstin Moheden, Gösta Petersson, Hanny Schedin, Jan-Olof Strandberg, Bengt Sundmark, Ivar Wahlgren.

Produção: F-Produktion (Suécia, 1953) *Título internacional:* House of Women *Título alternativo* (em inglês): The Caged Women *Cópia:* Svenska Institutet, 35 mm, preto-e-branco, versão original legendada eletronicamente em português, 88 minutos *Estreia:* 31 de Agosto de 1953 *Inédito em Portugal.*

notas

Esta “folha” foi escrita a partir de um visionamento do filme em versão original sem legendas (no desconhecimento do sueco).

É o *The Women* de Hampe Faustman, tirando os anos 1930 e a comédia alinhados no filme hollywoodiano de George Cukor. Ou então é o *Flickorna* de Hampe Faustman, tirando Aristófanes, a relação directa entre o teatro e a vida, o ano de 1968 do filme sueco de Mai Zetterling, que em português responderia por “as raparigas”. Não há só mulheres neste filme de Hampe Faustman, e muito menos há greve de sexo. Mas há quase só mulheres, assim vingando o “quase só homens” do precedentemente “colectivo” *Främmande Hamn* (“Porto Estrangeiro”, 1948), passado no gelo dos anos finais da II Guerra, entre marinheiros e um motim, a clandestinidade de uma judia em fuga à Alemanha nazi, o canto colectivo da *Internacional* em diferentes idiomas no meio do branco da neve. Coral, *Kvinnohuset* adopta uma certa segura formal e a perspectiva feminina, talvez mais do que feminista, desde logo por ser esse o material de partida. Um romance que logo causara desconfiança ou repúdio.

Escritora, argumentista, dramaturga, Ulla Isaksson foi uma das autoras suecas do século XX a aproximar-se conscientemente do cinema e *Kvinnohuset*, que ficou como o seu mais conhecido romance, escrito em 1952, foi o primeiro adaptado ao cinema. A inspiração era verídica – um edifício de Estocolmo exclusivamente destinado a inquilinas mulheres. Hampe Faustman interessou-se pelo projecto e terá mesmo criado uma companhia para o produzir (a F-Produktion é também a produtora de *Kärlek pa turné* ou *Resa i natten*, 1955), embora o trabalho de Isaksson como argumentista tenha ficado simultaneamente mais conhecido e mais obnubilado pelas colaborações posteriores com Ingmar Bergman: *Nära livet* (*No Limiar da Vida*, 1958) e *Jungfrukällan* (*A Fonte da Virgem*, 1960) partem de adaptações de um conto de Isaksson e de uma canção tradicional por ela mesma, a pedido de Bergman, e são dois títulos distintos do cineasta; décadas mais tarde, *De Tva Saliga* (“Os Dois Bem-aventurados”, 1986) foi a adaptação para televisão do romance homónimo da escritora publicado em 1962, um retrato arrepiante dos enigmas da esquizofrenia, de como se pode naufragar mantendo uma posição iluminada num mundo de trevas, o

filme de uma insondável solidão, como noutra altura escrevi nessa “folha”. Não conheceu grande sucesso. Tal como *Kvinnohuset*, que partilhou com o romance o *flop* da recepção pública, embora, ao contrário de Bergman e à luz do prisma do reconhecimento imediato, Faustman tenha partilhado de mais derrotas e mais derrotas do que ganhos no curso dos seus anos filmográficos (dos anos 1940 aos 60).

O recorte acentuado de um edifício habitacional construído em altura, o edifício em contra-luz do primeiro plano, em que os ramos oscilantes de uma árvore *animam* a imagem à esquerda do enquadramento composto em contra-picado, batendo ao de leve num candeeiro de rua, é um *leitmotiv* de *Kvinnohuset*. Tudo se passa em Estocolmo, início dos anos 1950 – a acção, o romance, o filme, rodado nos Estúdios Centrumateljéerna de Estocolmo, e em exteriores da cidade (Faustman viu-se impedido de filmar no interior do prédio dado o lastro do “mau nome” do romance de Isaksson). O edifício que se ergue numa praça moderna é um centro comunitário aí construído para mulheres trabalhadoras. Como no romance, indicam as fontes, trata-se de um retrato de conjunto de destinos humanos que se cruzam por habitarem o mesmo espaço comunitário, e cujo fulcro narrativo gira em torno da chegada de uma jovem estudante de teatro, Eva Lind, de quem se sabe ser amante de um cenógrafo de teatro cuja mulher legítima, Anna, ali mora demonstrando uma tolerância para com o marido que as restantes têm dificuldade em entender. Isa lê cartas, Ameli, “governanta” do edifício, cruza histórias e mensagens, abrindo e fechando circularmente o filme com cãesinhos de colo.

Hampe Faustman – lê-se na nota de apresentação do filme – “retrata uma forma contemporânea de alienação, recorrendo a planos mais longos, como se a fragmentação e individualização da modernidade exigissem um mais complexo tratamento formal”. De facto, *Kvinnohuset* contempla as tensões dramáticas das vidas e experiências das suas várias personagens – interpretadas por magníficas atrizes, algumas das quais reconhecidas estrelas do teatro e cinema sueco. Os planos do edifício, cenário central do filme, ora picados, ora contra-picados, ascendentes ou descendentes no movimento panorâmico que a câmara descreve ao percorrer a imponência de arranha-céus, vão pontuando a progressão dramática e, em boa verdade, preparando o seu auge – um pouco como sucede em *Främmande Hamn*, cujo lugar principal é o navio atracado e em que os últimos vinte minutos entram numa inesperada embulição. Em *Kvinnohuset*, a concentração espacial (no edifício) favorece a acção centrípeta e uma última grande sequência, mas a desgraça pura e dura substitui o hino da solidariedade que vibra no filme dos anos 1940.

A última meia hora do filme de 1953 arranca sob a batuta de novo plano do edifício, dando palco à personagem de Rosa, interpretada por Ulla Sjöblo, que cuida das plantas e flores de um canteiro na praça enquanto a Isa de Eva Dahlbeck cuida do pássaro dentro da gaiola e a Eva de Kerstin Palo entra na “casa de mulheres”. O gesto de Rosa, aproximando a desmesurada tesoura de poda do próprio pescoço com a angústia nos olhos prenuncia o desastre. Do desastre se ocupa então o filme, seguindo-a, ao cãozinho e à fatalidade rumo aos telhados e à queda na elipse anunciada. Depois, a vida continua, malfadada. Um dos últimos planos mostra o edifício, agora em plano frontal largo, ocupando toda a extensão vertical do enquadramento. A personagem que se vislumbra, levantando os olhos para captar o edifício, é Isa, a impassível, a mulher que deita as cartas.

Maria João Madeira